



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE MÚSICA**

EDUARDO CAVALCANTE DE OLIVEIRA

**FLAUTA DOCE: PANORAMA HISTÓRICO E PERSPECTIVAS NA
EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA**

Campo Grande - MS
2024

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



FLAUTA DOCE: PANORAMA HISTÓRICO E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVE

EDUARDO OLIVEIRA

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação no Curso de Música – Habilitação em Educação Musical da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Edison Valério Verbisck

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, o Criador, por me conceder saúde, força e perseverança ao longo desta jornada. Sua graça e proteção me sustentaram nos momentos de dificuldade e me inspiraram a seguir em frente, mesmo diante dos desafios.

Também expresso minha profunda gratidão ao Dr. Edison Valério Verbisck, por sua orientação paciente, apoio e dedicação em cada etapa deste trabalho. Sua experiência e sabedoria foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa e para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Aos professores e colegas do curso, agradeço pelas contribuições significativas, pelos ensinamentos e pelas ricas trocas de ideias ao longo dos anos. Aos meus familiares, sou imensamente grato pelo amor incondicional, apoio e incentivo constantes, sem os quais eu não teria chegado até aqui.

Por fim, agradeço aos amigos, que me ajudaram a manter o equilíbrio entre a vida acadêmica e pessoal e que estiveram ao meu lado nos momentos de alegria e dificuldade.

RESUMO

A flauta doce é um instrumento de origem simples que oferece uma riqueza de possibilidades em educação musical. O objetivo deste trabalho consiste em oferecer um panorama abrangente da utilização da flauta doce no contexto educacional, abordando desde sua trajetória histórica até suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo e social de estudantes em diferentes fases da aprendizagem musical. Trata-se de um estudo de revisão de literatura, organizado em quatro seções, sendo elas: panorama histórico do instrumento; aspectos técnicos e repertório de flauta doce; flauta doce como instrumento musicalizador na iniciação; inserção da flauta doce na educação musical inclusiva. Essa revisão pretende evidenciar as possibilidades de utilização da flauta doce na educação musical, sendo o instrumento um importante recurso no ensino inclusivo e integral de crianças.

Palavras-chave: Flauta doce, Educação musical, Metodologia de ensino, Musicalização infantil, Educação inclusiva.

ABSTRACT

The recorder is an instrument of simple origin that offers a wealth of possibilities in music education. The objective of this work is to provide a comprehensive overview of the use of the recorder in the educational context, covering its historical trajectory and its contributions to the cognitive and social development of students at different stages of musical learning. This is a literature review study, organized into four sections, namely: historical overview of the instrument; technical aspects and repertoire of the recorder; recorder as a musicalizing instrument in initiation; inclusion of the recorder in inclusive music education. This review aims to highlight the possibilities of using the recorder in music education, as the instrument is an important resource in the inclusive and comprehensive teaching of children.

Keywords: Recorder, Music education, Teaching methodology, Musicalization of children, Inclusive education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. Panorama Histórico e inserção nos períodos musicais	9
1.1 Origem do instrumento e primeiras evidências arqueológicas	9
1.2 Contexto nos principais períodos	11
1.3 História do instrumento no Brasil e legado dos jesuítas na música brasileira	12
2. Descrição e funcionalidade da flauta doce	15
2.1 Tipos e classificações do instrumento	20
2.2 As digitações inglesa e alemã	25
3. Instrumento musicalizador na iniciação musical	29
3.1 Metodologias utilizadas no ensino do instrumento	31
3.2 Repertório aplicados nos estudos do instrumento	32
3.3 Relatos de pesquisas e estudos de caso	35
4. Flauta Doce na musicalização de alunos atípicos	38
4.1 O ensino da flauta doce e o desenvolvimento integral dos alunos neurodivergentes	38
4.2 O ensino da flauta doce e o desenvolvimento de habilidades musicais e acadêmicas	40
4.3 O ensino de flauta doce para alunos com deficiência visual	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

A flauta doce, com sua simplicidade, acessibilidade e versatilidade, ocupa um lugar de destaque na educação musical, sendo amplamente utilizada tanto na iniciação de crianças, quanto em processos pedagógicos avançados. Este trabalho busca oferecer um panorama abrangente da utilização da flauta doce no contexto educacional, abordando desde sua trajetória histórica até suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo e social de estudantes em diferentes fases da aprendizagem musical. A relevância deste estudo reside na importância de compreender o papel da flauta doce como um instrumento pedagógico, além de destacar suas potencialidades em contextos de ensino inclusivo.

A justificativa para o estudo da flauta doce na educação musical reside em seu uso difundido como um dos primeiros instrumentos musicais com que muitos alunos têm contato. No meu caso, a flauta doce foi o primeiro instrumento que aprendi aos 10 anos de idade, o que marcou minha introdução ao mundo da música. Essa experiência inicial foi ampliada durante os estágios obrigatórios 01 e 02 do curso de licenciatura em música da UFMS, na Escola Municipal Carlos Cristaldo Vilhalva, no primeiro e segundo semestre do ano de 2023, onde observei e regi alunos, consolidando a importância do instrumento no processo de ensino. Por sua estrutura relativamente simples e ampla gama de possibilidades, a flauta doce permite o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais. Além disso, o instrumento favorece o despertar da sensibilidade artística e a compreensão dos elementos fundamentais da música, como ritmo, melodia e harmonia. Esse caráter formativo do instrumento justifica a necessidade de investigar suas metodologias de ensino e sua aplicação em diferentes contextos educacionais, especialmente em relação à musicalização de alunos com necessidades educacionais especiais.

A presente monografia de conclusão de curso está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata do panorama histórico da flauta doce e de sua inserção nos diferentes períodos musicais. Este capítulo aborda a origem do instrumento e as primeiras evidências arqueológicas de seu uso, explorando também sua presença nos principais períodos da história da música, como a Idade Média, o Renascimento e o Barroco. Além disso, examina a chegada da flauta doce ao Brasil,

ênfatizando o papel dos jesuítas na sua disseminação e o impacto que tiveram na formação de tradições musicais no país. Esse capítulo revela como o instrumento atravessou os séculos e se manteve relevante em diferentes contextos culturais e educacionais.

No segundo capítulo, a flauta doce é descrita em termos de sua classificação e funcionalidade. São analisados os diferentes tipos de flauta doce, desde o modelo soprano até o baixo, com destaque para suas características físicas e sonoras. O capítulo também discute os dois principais sistemas de digitação, o inglês e o alemão, abordando as diferenças técnicas e como elas influenciam o aprendizado e a execução do instrumento. Esse aprofundamento técnico é essencial para compreender a complexidade e as múltiplas possibilidades da flauta doce dentro do processo educativo.

O terceiro capítulo explora o uso da flauta doce como instrumento musicalizador na iniciação musical. Aqui, são discutidas as metodologias aplicadas ao ensino do instrumento, com ênfase nas abordagens pedagógicas mais eficazes para introduzir os estudantes ao universo musical. Além disso, o capítulo apresenta o repertório utilizado no ensino da flauta doce, bem como relatos de estudos de caso e pesquisas que demonstram o impacto positivo desse instrumento no desenvolvimento musical de crianças e jovens. Este capítulo destaca a flauta doce como um importante facilitador do processo de aprendizagem musical, sendo frequentemente utilizada como ponto de partida para o desenvolvimento de habilidades mais complexas.

O quarto e último capítulo aborda o uso da flauta doce no contexto da musicalização de alunos atípicos, incluindo aqueles com “neurodivergências” e deficiências visuais. O capítulo discute como o ensino da flauta doce pode promover o desenvolvimento integral desses alunos, favorecendo tanto a musicalidade quanto o crescimento acadêmico e social. Também são analisadas as contribuições da flauta doce no ensino de habilidades musicais para alunos com necessidades educacionais especiais, com referência ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). A partir dessa discussão, são apresentadas metodologias adaptadas para o ensino inclusivo, ressaltando a importância da música como ferramenta de inclusão social e desenvolvimento.

Os objetivos deste trabalho são amplos e visam compreender e refletir sobre a importância da flauta doce na educação musical. Especificamente, busca-se conhecer a história do instrumento, entender suas classificações e tipologias,

investigar metodologias de ensino eficazes e explorar como a flauta doce pode ser utilizada no ensino inclusivo, com foco no desenvolvimento integral de alunos atípicos. A metodologia empregada baseia-se em uma revisão de literatura, utilizando fontes acadêmicas, como livros, artigos científicos e dissertações, para embasar as discussões e análises propostas. A pesquisa busca, portanto, não apenas descrever as características e funções do instrumento, mas também destacar sua relevância prática e pedagógica.

Este estudo tem como principal contribuição o fato de evidenciar a flauta doce como um importante recurso no ensino de música, tanto para alunos típicos quanto atípicos. Ao abordar o tema de forma abrangente, o trabalho visa despertar no leitor a compreensão sobre a importância do instrumento na formação musical de crianças e jovens, bem como sua potencialidade para contribuir com práticas pedagógicas inclusivas. Dessa forma, a monografia convida o leitor a refletir sobre o papel da música e, em especial, da flauta doce, na promoção de uma educação mais acessível, equitativa e transformadora.

1. PANORAMA HISTÓRICO E INSERÇÃO NOS PERÍODOS MUSICAIS

A história dos instrumentos de sopro é bastante antiga, e remonta aos tempos pré-históricos, quando o homem descobriu que, ao soprar elementos como um osso vazio ou uma concha, produzia um som. A maioria dos povos primitivos utilizavam-se de instrumentos dessa natureza, denominados genericamente de flautas (Benjumea, 2010).

Segundo Benassi e Victorio, “instrumentos que se utilizam do bisel para emitir sons existem em várias culturas ao redor do mundo, com os mais variados formatos e nomes, mas com o mesmo princípio para a produção sonora.” (Benassi; Victorio, 2014, p.10)

Nesse primeiro capítulo, iremos percorrer as origens da flauta doce, desde as primeiras evidências arqueológicas até sua ascensão na Europa barroca, chegando ao continente americano e a sua relevância na música brasileira.

1.1 Origem do instrumento e primeiras evidências arqueológicas

O estudo da arqueomusicologia é muito importante para a formação de professores licenciados em música. Essa área oferece estudos científicos sobre instrumentos musicais de culturas antigas, textos históricos, iconografia e outros materiais pertinentes, ao fazer isso, incentiva uma reflexão crítica sobre as narrativas históricas convencionais, respeitando as práticas e os contextos históricos, além disso, a arqueomusicologia estuda como a música reflete a cultura e ajuda na preservação e valorização do patrimônio cultural. Isso é feito melhorando o ensino da música, aumentando a apreciação da diversidade musical e fornecendo uma melhor compreensão das origens da prática musical (Araújo; Sotuyo Blanco, 2023).

Diante disso, pesquisas relatam que os aerofones, como as flautas, estão entre os instrumentos mais antigos encontrados em vários países do mundo. Como Estados Unidos, França, Hungria, México, Noruega, Peru, Suécia e Tchêquia. Todavia, uma descoberta incrível ocorreu em 1995 na Eslovênia: foram encontrados em escavações dois aerofones construídos a partir de ossos de ursos, datados de aproximadamente 43.000 anos. Esses instrumentos, que foram descobertos estão no Museu Nacional da Eslovênia, e são considerados representações primitivas de flautas, o que indica que os neandertais já possuíam habilidades avançadas em construção musical. Essa descoberta de aerofones enfatiza o papel da

arqueomusicologia na pesquisa das origens e evolução dos instrumentos de sopro, como a flauta doce, cuja herança remonta a essas práticas musicais antigas (Araújo; Sotuyo Blanco, 2023).

Além disso, um outro aerofone foi encontrado em escavações realizadas nas proximidades de Hohle Fels e Vogelherd, no sudoeste da Alemanha, em 2005. Essas escavações mostraram evidências paleolíticas de que grupos humanos já fabricaram e tocavam o instrumento feito de ossos de animais, como veados e cisnes brancos há pelo menos 35.000 anos. Comparando as flautas e os apitos estudados, notamos semelhanças com as flautas pastorais da Europa, que são construídas com simplicidade e feitas de materiais naturais como madeira, osso ou chifre. Eles também são pequenos, mas fortes e emitem um som suave de tessitura aguda e pequena escala suas funções foram além da música; eles também ajudavam na comunicação, na socialização, na divisão de territórios e na sinalização de emergências. Entretanto, eram usados com fins práticos e religiosos e também eram usados em festivais nas primeiras comunidades humanas (Araújo; Sotuyo Blanco, 2023).

Figura 1 – Flauta antiga



Fonte: Benassi; Victorio, 2014 (p.15)

No Egito antigo foi um precursor direto desse tipo de instrumento, embora seja difícil identificar sua estrutura devido à falta de palhetas preservadas e à escassez de iconografia disponível. A primeira evidência de uma flauta longa foi encontrada em uma paleta de lamito da era pré-dinástica, o instrumento era feito de cana de grande diâmetro com poucos furos na parte inferior, a flauta longa era frequentemente utilizada em cerimônias, especialmente nas capelas funerárias, e era tocada exclusivamente por homens no Império Antigo.

Então, desde a Quinta Dinastia, o clarinete duplo como é conhecido, foi o aerofone mais representado durante o Império Antigo. Sendo um instrumento de palheta simples com um barbante amarrado a dois tubos paralelos embora o músico

toque a mesma melodia em ambas as flautas, a nota que ele obtém é ligeiramente diferente porque o espaçamento dos furos não é estritamente paralelo.

Consistia em um ou dois tubos longos e finos, que se separavam a partir da boca do músico para formar um ângulo agudo. A melodia é tocada apenas em uma das flautas, a outra dando uma nota segura. Este instrumento, tocado principalmente por mulheres naquele período, suplantou a flauta longa e o clarinete duplo. (Sibila Emerita, 2013, p. 4).

1.2 Contexto nos principais períodos

As flautas de seis furos, por sua vez, eram amplamente utilizadas nos séculos XII e XIII, no contexto da evolução dos instrumentos de sopro, tal mudança não se refere apenas à forma do instrumento, mas também ao surgimento de sua nomenclatura. Algumas evidências desse período incluem flautas preservadas em museus europeus, que fornecem uma referência tangível à cronologia sugerida, a utilização de representações iconográficas, como pinturas e esculturas medievais que mostram instrumentos musicais, é essencial para uma melhor compreensão das flautas de épocas anteriores (Paoliello, 2007).

De acordo com Boerner (2018), entre 1600 e 1800 a flauta doce e a flauta transversal foram os instrumentos de sopro mais importantes na música ocidental durante o período, enquanto a flauta transversal precisava ser soprada através do instrumento, a flauta doce usava um sistema de duto para direcionar o ar e era a mais popular até o final do barroco, mas a flauta transversal passou a ser usada por dois séculos. Essa mudança foi influenciada pelas percepções sociais e culturais da nobreza, que considerava ambos os instrumentos como símbolos de status, por exemplo, o compositor Vivaldi escreveu para os dois instrumentos que eram essenciais para a educação musical das famílias nobres.

Segundo Boerner (2018), até o século XVIII, a flauta doce era muito popular na Europa, sendo usada tanto na música sacra quanto profana, tanto em grupos quanto como instrumento solista, seu impacto na música foi notável, com compositores como Telemann, Handel, Vivaldi, Purcell e Bach, os compositores do período clássico deixaram de escrever muito para a flauta doce, isso se deve ao fato de que a flauta transversal se adaptava melhor porque tinha uma maior extensão sonora e mais opções de dinâmica para conjuntos sinfônicos em crescimento. A flauta doce não era adequada para as orquestras maiores e suas necessidades expressivas crescentes. Além disso, essas transformações musicais a partir do século XIX foram

influenciadas por mudanças no tamanho dos espaços de concerto e na disposição dos instrumentos. No entanto, com o surgimento dos grupos de música antiga no século XX, que se dedicaram à exploração das sonoridades e técnicas dos instrumentos antigos, logo a flauta doce experimentou uma revitalização notável. Então, os compositores demonstraram um interesse renovado em compor para este instrumento, refletindo uma reavaliação de seu valor e potencial na prática musical moderna (Paoliello, 2007).

1.3 Panorama História do Instrumento no Brasil nas Missões Jesuítas e Educação Musical pelos Imigrantes

A flauta doce já era conhecida e tocada em toda a Europa quando os primeiros portugueses chegaram ao Brasil no século XVI. O instrumento, particularmente popular no período renascentista e barroco, desempenhou um papel importante na educação musical nessa época, que era composto por um tubo com nove orifícios, oito na parte frontal e um na parte posterior, que estava destinado ao polegar sendo os dois últimos orifícios, para o dedo mínimo, que eram curiosamente pareados um desses orifícios era fechado com cera, dependendo da mão do instrumentista para controlar a parte superior do instrumento. Assim, embora a flauta doce tivesse nove orifícios no início, apenas oito eram utilizados, o que permitia maior flexibilidade no aprendizado e execução. O uso da flauta doce na educação musical, especialmente nas instituições jesuítas, era incentivado porque era uma prática acessível e eficaz para a formação inicial de músicos. Já como os jesuítas tinham uma influência significativa na educação do Brasil colonial, é provável que o instrumento tenha sido introduzido no currículo das missões e colégios jesuítas, especialmente no que diz respeito às atividades musicais coletivas, que estavam em linha com a crença de que a fé católica, que deveria ser propagada por meio das artes (Aguiar, 2017).

Relatando o formato interno de uma flauta doce, que poderia ser cilíndrico ou cônico invertido, sua configuração cônica manteria a cabeça do instrumento com um formato cilíndrico, pois o tubo seria estreitado a partir do primeiro orifício. Na altura do último orifício, esse estreitamento atinge seu ponto máximo em seguida, o tubo se alarga novamente, formando uma pequena campana a sonoridade do instrumento era baseada nesses atributos construtivos. A flauta doce cilíndrica e cônica possuíam paredes internas relativamente finas, o que favorecia uma sonoridade rica, ampla e cheia com projeção expressiva, especialmente nas notas graves. Era um instrumento

versátil para os padrões musicais da época porque tinha uma tessitura de oitava mais uma sexta ou sétima, então fora provavelmente uma ferramenta pedagógica de grande valor nas práticas educacionais jesuíticas, que valorizavam a música como um veículo de ensino e catequese os alunos foram preparados para dominar outros instrumentos mais complexos, como o órgão ou o cravo, que também eram usados nas atividades educacionais e litúrgicas promovidas pelos jesuítas, graças ao seu timbre distinto, que permitiu o desenvolvimento auditivo e técnico.

Segundo Tettamanti (2010), a flauta "(...) era construída em três tamanhos principais: um descante em sol (posteriormente nomeada como alto em sol), um tenor em dó e um baixo em fá". (Tettamanti, 2010, p. 124)

A mesma autora acrescenta ainda que "no início do século XVI, a combinação destes três tamanhos, com ou sem dobramentos, permitia tocar praticamente todo o repertório vocal disponível, com a ressalva de soar uma oitava acima". (Tettamanti, 2010, p. 124)

Oriunda da Europa, a flauta doce (de bisel) existe desde a era colonial; no Brasil, sendo encontrada desde o século XVI, no entanto, devido às dificuldades de identificação em fontes históricas e a sua utilização ocasional no século XIX, a história do país apresenta lacunas significativas, onde a maioria das pessoas acredita que a flauta doce foi popular no Brasil apenas após a imigração europeia no século XX. No entanto, há evidências que indicam que o instrumento já havia desempenhado um papel desde o período colonial. A flauta doce também foi usada na liturgia como uma alternativa mais barata a instrumentos caros, sendo particularmente importante na educação musical das crianças indígenas, sua utilização, frequentemente amadora e fora do repertório sacro, contribuindo para que podemos chamar de sua marginalização. Mesmo com seu retorno no século XX, a flauta doce ainda é vista com desdém na música profissional. Isso reflete uma trajetória de desvalorização e resgate gradual do instrumento (Aguilar, 2017).

O renovado interesse de musicólogos, compositores e intérpretes na música dos séculos XVI a XVIII impulsionou o retorno da flauta doce ao cenário musical europeu no final do século XIX, essa revitalização incluiu a revisão histórica dos instrumentos antigos e sua adaptação aos padrões sonoros modernos, com duas principais razões contribuíram para a reintrodução da flauta doce no Brasil, no século XX: a valorização dos instrumentos históricos e o reconhecimento da flauta doce como um instrumento eficaz para iniciação musical, especialmente para crianças. Também

graças a imigração alemã ajudou muito nesse movimento, especialmente após as Guerras Mundiais, quando professores e músicos europeus chegaram aos centros urbanos brasileiros com seus instrumentos, sua popularidade do instrumento aumentou com a chegada das flautas de resina da Yamaha na década de 1970, estabelecendo uma ampla popularidade nacional (Aguar, 2017).

2. DESCRIÇÃO E FUNCIONALIDADE DA FLAUTA DOCE

Conforme Amaral (2016), a flauta doce é intitulada como um instrumento acessível e de simples emissão sonora, o que a torna popular e torna-se mais adequada para o uso didático e permite o ensino de música em grupo, proporcionando a aprendizagem da música mais acessível e possibilitando que os indivíduos menos favorecidos tenham acesso a um instrumento musical, tenham a oportunidade de receber uma formação musical. Entretanto, atuando como uma ferramenta eficaz para o trabalho, promovendo a iniciação à música beneficia tanto o campo pedagógico quanto ao social (Amaral, 2016).

Sendo amplamente apreciada pela sua simplicidade e versatilidade na educação musical, inicialmente um dos instrumentos mais usados para o aprendizado musical no Brasil e em várias regiões do mundo. Assim sua chegada ao país datada do século XVI, com a presença dos jesuítas em 1549. Logo esses missionários de origem europeia usaram a música como instrumento de ensino e evangelização, incorporando a flauta doce em suas práticas para instruir e converter os nativos. Além disso Aguiar (2017), afirma que a flauta doce foi um dos instrumentos introduzidos pelos jesuítas no século XVII, sendo incorporada ao repertório musical nas missões religiosas devido à sua simplicidade de uso e ao seu significado simbólico e educativo.

Portanto, citando a sua estrutura, ela consiste em um tubo cilíndrico, normalmente feito de madeira, mas também pode ser produzido em plástico, sendo bastante comum em escolas e locais de ensino. Nesse sentido o instrumento tem oito orifícios: sete na parte da frente e um na parte de trás, operados pelo polegar para regular a afinação e a execução de notas graves e altas. Por consequente o fluxo de ar é conduzido pelo canal do bisel, situado na parte superior da máquina. Sendo este canal que conduz o ar a uma aresta aguçada, gerando som ao dividir o fluxo de ar em duas partes. De acordo com Paoliello (2007), a gestão da intensidade e da direção do ar é crucial para afinar e gerar variados timbres na flauta doce, uma vez que pequenos movimentos do ar podem alterar a afinação e a produção de diferentes timbres.

A palavra 'flauta' algumas vezes é usada como um termo genérico, outras vezes se refere a um tipo particular. Hunt lembra que houve tempo em que a flauta doce era chamada simplesmente por 'flauta' (flûte, flöte, flauto),

enquanto a flauta transversa era chamada flauto traverso, German flute, ou flute d'allemande. Mais tarde é a flauta doce que recebe um sobrenome: flauto dolce na Itália, flût à bec na França, blockflöte na Alemanha e recorder na Inglaterra. (Paoliello, 2007, p. 07)

Historicamente, o auge da flauta doce ocorreu nos períodos renascentista e barroco (séculos XV ao XVIII), época em que era frequentemente empregada em música de câmara e orquestra. Contudo, sua popularidade caiu no término do século XVIII, com o surgimento de outros instrumentos de sopro, como a flauta transversal e o clarinete. No século XX, a flauta doce voltou à cena educacional, particularmente após as décadas de 1920 e 1930, época em que professores como Carl Orff e Émile Jaques-Dalcroze incorporaram o instrumento em suas abordagens de ensino musical.

Figura 2 – Excerto de partitura renascentista

Trotto

ITALIAN
14th century

S A T

CHORUS

SOLO

Fonte: Rosenberg, 1978 (p.5)

A sua popularização no contexto escolar no Brasil ocorreu a partir dos anos 70, estabelecendo-se como um instrumento essencial na educação musical (Aguilar, 2017).

Durante a Segunda Guerra Mundial as escolas foram evacuadas para os distritos e a demanda de flautas doces cresceu. Os instrumentos fabricados em massa, que eram feitos em madeira, eram difíceis de serem obtidos. Neste contexto passou a ser construída a flauta soprano de plástico, criada inicialmente para preencher uma lacuna até que as flautas de madeira pudessem ser obtidas novamente. (Paoliello, 2007, p. 30)

A flauta doce, além de desempenhar um papel pedagógico, desempenha um papel artístico relevante. Zwilling (2012) destaca que, na antiguidade grega, instrumentos de sopro como a flauta eram apreciados pelo seu efeito emocional e estético, como Platão enfatizando sua importância na educação ética e educacional dos cidadãos. Já no repertório renascentista e barroco, a flauta doce ocupava uma posição de destaque, sendo ainda hoje empregada em obras que apreciam sua sonoridade clara e delicada.

De acordo com Frank (apud Barbosa, 2020), as flautas doces são nomeadas de acordo com o seu tamanho, existindo dois sistemas de nomenclatura: um ligado ao uso histórico do instrumento e o outro à voz humana que mais se assemelha.

Além disso, ele lista os diversos tipos de flautas doces existentes. Segundo Aguiar (2017):

(...) considerando que a música produzida neste período é bem mais complexa do que a anterior, com a introdução de notas fictas, ritmos proporcionais e mesmo textos distintos, é bem provável que os cantores necessitassem de instrumentos estáveis para auxiliá-los no aprendizado das vozes e na afinação. A flauta doce cumpriria perfeitamente este papel: ao contrário dos instrumentos de cordas (dedilhadas ou friccionadas), sua afinação era estável; tinha ainda a vantagem de ser leve e portátil. Não é à toa que fontes iconográficas deste período e dos subsequentes mostram com frequência a flauta doce junto a cantores. Aliás, é curioso notar que a flauta doce tenha sido utilizada como instrumento auxiliar para o aprendizado musical desde seu advento, e é bastante provável que tenha sido empregada nesta mesma função também por crianças. (Aguiar, 2017, p. 43)

Soprano: é o instrumento mais frequentemente utilizado atualmente e tem afinação em Dó, o que indica que a nota mais baixa possível é o Dó. Devido ao seu som estridente, em reprodução avançada, costuma ser limitado a uma linha descendente ou acima da melodia principal. Apesar de soar uma oitava acima devido ao timbre, parece que ela é pronunciada de maneira semelhante a um soprano humano. Logo a pequena distância entre os furos e o preço acessível do instrumento fizeram dele o primeiro instrumento ideal para uso nas escolas.

Contralto: é a principal ferramenta de melodia em trabalhos avançados, assim como os agudos na música coral da igreja, onde sua sonoridade se assemelha à de uma voz humana de alta intensidade. Sua afinação do instrumento é em Fá. O alcance dos agudos nessas flautas doces é superior ao do descendente, o que, aliado ao preço

elevado, faz deste instrumento uma ferramenta ideal para quem está iniciando a progressão.

A flauta doce contralto do mesmo período tinha extensão semelhante, mas partindo do Fá3. Assim como na flauta, percebia-se certa irregularidade de timbre e volume entre notas principais e alteradas, porém de modo bem mais ameno. Seu volume sonoro, embora não fosse tão intenso quando comparado ao de outros instrumentos de sopro contemporâneos, como o oboé, não ficava muito distante da flauta. De fato, tocando-se os dois instrumentos simultaneamente em obras do período barroco, é provável que o ouvinte reconheça primeiramente a flauta doce, não apenas pelo volume, mas por possuir um timbre bem característico e mais penetrante. (Aguiar, 2017, p. 52)

Tenor: possui o dobro do tamanho do soprano e, portanto, limitando sua utilização por crianças ou adolescentes. O alongamento controla o furo mais profundo, que é controlado por uma ou duas chaves. Ela também possui afinação em Dó, mas em uma oitava abaixo do instrumento soprano.

Baixo: é a flauta doce de maior tamanho comumente encontrada. Trata-se de um instrumento com afinação em Fá, com aproximadamente, o mesmo comprimento que a flauta doce soprano. Nela, o buraco mais baixo é controlado por chaves. Todavia sobre outras dimensões: os músicos especializados também têm a opção de usar flautas doces menores, conhecidas como sopranino e *greatbass*.

Seguindo a descrição de Delgado de Carvalho, a flauta é classificada como sendo 'um discantus em lá (correspondente ao fá do diapasão moderno)'. A sua tessitura é identificada como indo de lá2 a lá4. Ao examinarmos esta flauta, verificamos que o seu tamanho e formato é de um instrumento baixo, ou seja, um instrumento de tessitura mais grave em relação aos outros membros da família. A classificação 'discantus em lá' é bastante curiosa, já que as flautas descantes são sempre membros mais agudos da família (equivalentes à tessitura da flauta soprano). Também a referência à nota mais grave – 'em lá (correspondente ao fá do diapasão moderno)' – é, no mínimo, intrigante, pois a flauta é um baixo em fá, diapasão lá=415hz. Faz-se necessário um estudo direcionado para entender de onde estes dados foram obtidos. (Aguiar, 2017, p. 124)

Figura 3 – Família das flautas



Fonte: Benassi; Victorio, 2014 (p.17)

Como cita Rosa (apud Barbosa, 2020), as flautas doces de alta qualidade costumam ser produzidas com madeiras de alta qualidade, enquanto as de plástico são produzidas em larga escala devido ao seu custo reduzido e simplicidade na sua manutenção. Diante disso, as flautas de plástico de alta qualidade podem atingir um desempenho equivalente ao de flautas de madeira de custo reduzido, além de poderem ser esterilizadas, o que as torna adequadas para uso em grupo.

Os instrumentos de flauta destinados a iniciantes, comumente usados por crianças, são majoritariamente feitos de plástico e têm preços mais acessíveis.

Além disso, Cuervo (apud Barbosa, 2020), que a flauta doce é executada longitudinalmente à boca do músico, em contraste com a flauta transversal. Sua corrente linear que atravessa o duto interno do instrumento é formada pelo ar soprado pelo músico. Quando a coluna de ar alcança a asa conhecida como "labium", ela oscila, gerando ondas estacionárias dentro do tubo ressonador. Ao contrário dos simples assobios, a flauta doce emprega um sistema de aberturas e bifurcações que muda a localização dos nós de ressonância, alterando as notas executadas.

(...)seu retorno ao cenário musical europeu ocorreu ao final do século XIX, a partir de um crescente interesse por parte de musicólogos, compositores e intérpretes pela música dos períodos anteriores, sobretudo a música

ocidental dos séculos XVI, XVII e XVIII. Embora discreto de início, tal interesse despertou a curiosidade pela sonoridade dos instrumentos do passado, e pouco a pouco os exemplares preservados nos museus foram resgatados, copiados, e até mesmo modificados para que se adequassem aos padrões de sonoridade e dinâmica vigentes. (Aguiar, 2017, p. 63)

2. 1 Tipos e classificações do instrumento

Inicialmente a família da flauta doce com sua facilidade de construção e manuseio, aliada à abundância de timbres e variações, a torna a flauta doce, perfeita para a iniciação musical e o aprimoramento técnico e artístico de músicos em desenvolvimento. O instrumento apresenta várias variações, com destaque para soprano, contralto, tenor e baixo, cada um com suas características sonoras e pedagógicas únicas.

Quando pensamos na flauta doce, esquecemo-nos de que essa possui uma família e intuitivamente referimos à voz soprano normalmente usada em salas de aula. É importante estudar um pouco dessa família. Muitas peças são escritas a duas, três e quatro vozes divididas entre soprano, contralto, tenor e baixo. Portanto, faz-se necessário o aprimoramento gradativo no instrumento com estudos técnicos e repertório adequado, visando melhores resultados tanto na performance quanto 'essencialmente' na qualidade do ensino didático. (Pereira, 2009, p. 32)

Conforme (Aguiar, 2022) ressalta, a flauta doce desempenha um papel crucial tanto na iniciação musical quanto no aprimoramento de competências cognitivas e motoras, conhecimento profundo das diferenças entre essas flautas permite ao educador musical selecionar as abordagens e repertórios mais adequados para cada fase de aprendizagem.

Seria mais exato falar em modelos para descrever os modelos históricos e modernos, ou, ainda, tamanhos e naipes. Se usasse o termo 'tamanho' ou 'naipe', envolveria apenas as diferenças das flautas quanto às suas medidas. Modelos correspondem, por exemplo, aos modelos renascentistas, como o modelo Ganassi, Itália, ca. 1535, e/ou barrocos, como o modelo J. Denner. Quanto ao tamanho ou aos naipes, os mais usados, atualmente, são: soprano, contralto, tenor e contrabaixo. No entanto, existem modelos menores e maiores, como o glarklien e o sopranino — menores — e o contrabaixo e o subcontrabaixo — maiores. (Benassi, 2017, p. 32)

Garcia (2006) indica que as flautas soprano e contralto são as mais empregadas no repertório contemporâneo, ressaltando que a flauta soprano, devido

ao seu tamanho, se ajusta mais adequadamente ao tamanho da mão humana. Contudo, tal declaração pode causar equívocos, insinuando que o tamanho da flauta soprano esteja diretamente ligado ao tamanho da mão. Para um flautista com experiência, a correta compreensão dessa colocação está na ergonomia dos orifícios da flauta soprano, que são organizados de forma a facilitar o acesso dos dedos. As flautas menores, como as de sopranino e *glarklien*, têm orifícios mais próximos, o que também facilita a execução. Por outro lado, as flautas maiores, como a tenor e a contralto, precisam de modificações, como a adição de chaves.

Já a flauta doce contralto é uma variante intermediária da família da flauta doce, possuindo um tamanho maior que o soprano e menor que o tenor. Este modelo, normalmente afinado em fá, se sobressai pela sua sonoridade mais grave e suave, o que o torna apropriado para solos e para a execução de obras com várias vozes, como as obras renascentistas e barrocas, por exemplo. Sendo ela apreciada pela sua versatilidade, podendo ser empregada tanto em apresentações individuais quanto em agrupamentos musicais. Frequentemente, ela é escolhida em vez da flauta tenor, que demanda mais fôlego e maior flexibilidade das mãos por causa de suas dimensões maiores (Grossmann, 2011). A flauta contralto, por outro lado, proporciona uma facilidade de execução, especialmente quando comparada a flautas de maiores tamanhos, como a flauta contrabaixo.

Garcia (2006) também destaca que a flauta contralto é frequentemente escolhida para interpretações solo devido ao seu som aveludado, que se harmoniza bem com outros instrumentos de orquestra, como o violino e o oboé. Contudo, O'Kelly (apud Benassi, 2015) argumenta que a flauta contralto se sobressai pela sua qualidade e projeção sonora, tornando-se um modelo mais adequado para a apresentação devido às suas dimensões. Esta discrepância entre as duas escritoras indica as variadas estratégias na seleção do instrumento, baseadas tanto nas propriedades acústicas quanto na conveniência para o músico em termos de conforto e ajuste ao corpo.

Geralmente se utiliza a flauta contralto, pois a tenor gasta mais ar e exige que o intérprete tenha mãos grandes. Normalmente, um profissional muito provavelmente usará um modelo feito por um luthier, que se aproxima dos modelos barrocos. Pode-se constatar isso até mesmo na internet, em filmagem onde Brüggem aparece executando Gesti em uma flauta contralto. (Grossmann, 2011, p. 50).

A flauta doce tenor, que possui uma afinação em dó, é um instrumento com características significativas no âmbito da educação musical. Embora menos utilizada em escolas do que a flauta soprano, a flauta tenor oferece aos estudantes a oportunidade de trabalhar com uma sonoridade mais grave e encorpada. De acordo com Cuervo (2009), a flauta tenor possui uma sonoridade grave e aveludada, sendo também mais potente, embora exija uma maior capacidade respiratória e o uso de mãos maiores para um dedilhado eficiente.

Foi constatado por pesquisas que o adolescente prefere os sons mais graves, conforme afirmação de Herculano-Houzel (2005). Em vista disso, a prática com a flauta doce tenor pode ser mais gratificante, no lugar da soprano (amplamente utilizada). A tenor possui uma sonoridade grave e aveludada, além de ser mais potente e exigir exatamente o mesmo sistema de leitura e digitação da soprano, pois ambas são flautas doces 'em dó', alterando apenas o registro em que soam. Também torna-se bastante estimulante o contato com a flauta doce contralto, em fá, a qual proporcionará o aprendizado do mesmo sistema utilizado pelas flautas sopranino e baixo, esta última podendo ser lida na clave de fá. Essas oportunidades vêm ao encontro de propostas desafiadoras, motivando o adolescente a ampliar sua prática musical na escola, geralmente limitada à execução da aguda soprano. (Cuervo, 2009, p. 50).

Grossmann (2011) ressalta que a utilização deste instrumento não se limita apenas à procura de autenticidade sonora, mas também às suas propriedades acústicas. Ao contrário da flauta soprano, a flauta tenor oferece uma resposta tonal mais rica e equilibrada, tornando-se uma opção atraente para obras que requerem profundidade e nitidez nas linhas melódicas. Esse aspecto é particularmente relevante em peças de compositores como J. C. Bach e G. Handel, que frequentemente explora a tessitura mais grave do instrumento em suas composições.

Portanto, no âmbito da prática pedagógica, Benassi (2017) destaca que a flauta tenor é um instrumento valioso para o progresso técnico dos alunos. Sua utilização possibilita aos estudantes experimentar uma sonoridade distinta da soprano, instigando-os a aprender novas técnicas de controle respiratório e articulação. Ao mesmo tempo, o uso da flauta tenor proporciona um repertório diversificado, com a possibilidade de abordar peças adaptadas de diferentes períodos da história da música, ampliando o horizonte cultural e musical dos alunos.

Um dos formatos mais utilizados na música de câmara para flautas doces é o quarteto, que tradicionalmente envolve soprano, contralto, tenor e baixo.

Esse tipo de formação oferece uma ampla gama de possibilidades sonoras, combinando diferentes tessituras e timbres. O repertório escrito para quarteto de flautas doces abrange desde peças renascentistas até obras contemporâneas, permitindo tanto a execução de obras originais quanto de arranjos de outros gêneros musicais. O quarteto proporciona, assim, um diálogo harmônico e contrapontístico entre os naipes, sendo um formato versátil para a prática coletiva. (Benassi, 2017, p. 55)

Tabela 1 - Tabulação comparativo para família de flauta doces, incluindo modelos e nomenclaturas Yamaha

Modelo	Nomenclatura	Tamanho/Naípe	Afinação	Material	Características Principais
YRS-24B	Soprano	Pequena/Soprano	Dó (C)	Resina ABS	Modelo para iniciantes, som claro e fácil de tocar.
YRN-22B	Sopranino	Menor que soprano	Fá (F)	Resina ABS	Afinação mais aguda, indicada para duetos ou solos.
YRA-28BIII	Alto/Contralto	Médio/Contralto	Fá (F)	Resina ABS	Som aveludado, ideal para repertórios barrocos.
YRT-304B	Tenor	Grande/Tenor	Dó (C)	Resina ABS	Exige maior controle de respiração, som profundo.
YRB-302B	Baixo	Muito Grande/Baixo	Fá (F)	Resina ABS	Sonoridade grave, usada em quartetos ou grupos.
YRB-61	Contrabaixo	Muito Grande/Baixo	Fá (F)	Madeira	Timbre robusto, ideal para composições orquestrais.

Fonte: Yamaha, 2006.

Notas Importantes:

- A flauta soprano (YRS-24B) é uma das mais populares para iniciantes devido à sua simplicidade e fácil manuseio, enquanto a tenor (YRT-304B) proporciona uma sonoridade mais grave e requer maior controle técnico.
- A contralto (YRA-28BIII) é amplamente usada em música barroca, especialmente em repertórios solos, pois sua afinação em Fá (F) é versátil.
- Modelos como a contrabaixo (YRB-61) são menos comuns em ambientes educacionais, mas são essenciais em arranjos orquestrais e performances de conjunto.

A flauta baixo tem sido frequentemente empregada em práticas musicais contemporâneas e em agrupamentos de câmara. A combinação deste instrumento com outras flautas, tais como soprano, contralto e tenor, possibilita a elaboração de composições mais completas e harmônicas, promovendo a musicalização em grupo e o aprimoramento auditivo dos estudantes. A flauta baixo, com sua sonoridade grave e imponente, é essencial para manter a harmonia e conferir profundidade às composições.

Seguindo a descrição de Delgado de Carvalho, a flauta é classificada como sendo 'um discantus em lá (correspondente ao fá do diapasão moderno)'. A sua tessitura é identificada como indo de lá² a lá⁴. Ao examinarmos esta flauta, verificamos que o seu tamanho e formato é de um instrumento baixo, ou seja, um instrumento de tessitura mais grave em relação aos outros membros da família. (Aguiar, 2017, p. 124)

A flauta baixo, do ponto de vista pedagógico, oferece aos estudantes a chance de explorar notas mais baixas, aprimorando habilidades de controle respiratório e consciência corporal, uma vez que o instrumento requer um maior suprimento de ar. Aguiar destaca que "a diversidade de flautas doces, incluindo a flauta baixa, proporciona aos alunos uma rica experiência de aprendizado musical, incentivando o aprimoramento de habilidades técnicas e expressivas". (Aguiar, 2017, p. 97)

Nesse contexto, a inserção da flauta baixa nas metodologias de ensino musical auxilia na formação de um repertório mais variado, particularmente em projetos que envolvem a apresentação de obras históricas e contemporâneas. O uso de instrumentos de diferentes tessituras, como a flauta baixo, amplia a capacidade dos educadores de apresentar aos alunos uma visão mais completa da música em conjunto, possibilitando o trabalho com arranjos polifônicos e a exploração de diferentes estilos musicais (Aguiar, 2017).

É preciso considerar que a flauta doce está bastante atrelada ao processo de educação e catequese dos indígenas, e que os jesuítas foram os que mais investiram e se dedicaram a tais atividades. Apesar disso, o uso da flauta doce por religiosos de outras ordens pode ter ocorrido, principalmente para se tocar o repertório devocional na liturgia durante os séculos XVI e XVII. Caberia aqui uma investigação mais aprofundada. (Aguiar, 2017, p. 97)

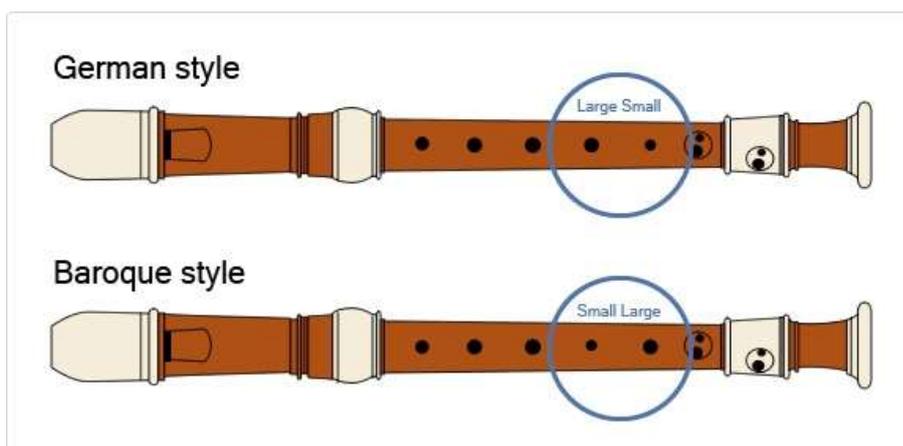
Por fim, a flauta baixo pode ser utilizada para introduzir conceitos de harmonia e contraponto, facilitando a compreensão das relações entre as vozes musicais. Ao executar peças em que a flauta baixo assume o papel de linha de baixo ou de voz harmônica, os alunos têm a oportunidade de desenvolver habilidades de escuta e

percepção musical mais apuradas, identificando as interações entre as diferentes vozes dentro de uma composição.

2.2 As digitações inglesa e alemã

A flauta doce sendo um dos instrumentos mais tradicionais e versáteis na música ocidental, possui duas digitações principais que são frequentemente usadas atualmente: a digitação barroca e a digitação germânica. Essas diferenças estruturais e funcionais impactam diretamente a execução musical e a escolha pedagógica para alunos iniciantes e avançados. A compreensão das particularidades de cada sistema de digitação é fundamental para professores e músicos que desejam explorar o potencial técnico e sonoro da flauta doce.

Figura 4 – Flauta antiga



Fonte: Adaptado de <https://www.yamaha.com/en/products-services/>

Entretanto, a digitação inglesa, também chamada digitação barroca e de "flauta renascentista", se destaca pela sua maior complexidade no manejo de certas notas, demandando uma técnica mais sofisticada em relação ao sistema germânico. Sendo desenvolvida para atender às demandas musicais do período barroco, esse tipo de digitação foi amplamente utilizada em obras de compositores como Johann Sebastian Bach e Georg Philipp Telemann. Logo, a principal diferença está na distribuição dos furos, que resulta em uma entonação mais precisa em passagens cromáticas. Assim de acordo com Benassi (2017), o sistema barroco permite maior controle sobre o timbre e afinação, especialmente em repertórios que demandam agilidade e técnicas apuradas.

Com a ajuda da família Hoteterre, a flauta doce passa por uma série de modificações em sua construção para aumentar sua extensão e refinar seu timbre. As composições do Barroco para flauta doce são extremamente virtuosísticas, exigindo do instrumentista, agora aproveitando as maiores possibilidades do instrumento, maior aprimoramento técnico. (Paoliello, 2007, p. 10)

Um dos aspectos fundamentais da digitação barroca é a maneira como a flauta se comporta nas regiões mais altas. A articulação, neste caso, deve ser cuidadosa para garantir que as notas soem com clareza e afinação correta. Logo, o desafio técnico desse sistema está em sua maior complexidade nas notas intermediárias, como o Fá sustenido, que exige uma combinação mais intrincada de dedos, que demandava um maior controle técnico, sobretudo para corrigir problemas de afinação, provavelmente eles optaram pela flauta doce Inglesa (Aguiar, 2017).

Em geral, o sistema de digitação germânico é o mais usado no ensino infantil. Muitas vezes, essa escolha se dá por indicação do próprio professor que não domina o sistema de digitação barroca e procura evitar, assim, a forquilha para a posição da nota fá ou por estar indicada na lista do material escolar solicitada pela escola. Nesse último caso, o(a) professor(a) é obrigado(a) a trabalhar com elas. (Silva, 2022, p. 17)

Por outro lado, o desenvolvimento da digitação germânica ocorreu no começo do século XX, com o propósito de simplificar o aprendizado para crianças e novatos. Em suma o sistema germânico modificou a posição dos furos na flauta doce, particularmente os ligados à nota Fá, o que torna mais fácil a execução de escalas e melodias fundamentais.

Figura 5 – Excerto de partitura moderna para flauta soprano e flauta tenor

Jongleurs

John RIMMER
b. 1939

Vivace (♩. = 126)
Drone: D, A

Fonte: Rosenberg, 1978 (p.43)

Como ressaltado por Paoliello (2007), o sistema germânico prioriza a simplicidade e a acessibilidade, tornando-se ideal para alunos que estão nos primeiros anos de aprendizado.

Tabela 2 – Flauta Barroca e Flauta Germânica

Característica	Flauta Barroca	Flauta Germânica
Dedilhado da nota Fá	Possui dedilhado de forquilha	Dedilhado simplificado
Complexidade do dedilhado	Notas como Fá# e Sol# têm dedilhado mais simples	Notas como Fá# e Sol# têm dedilhado mais complexo
Sonoridade	Timbre mais aveludado e equilibrado	Timbre mais claro e áspero
Afinação	Melhor afinação, som homogêneo	Geralmente desafinada, som desequilibrado
Estabilidade das notas	Estabilidade alta	Estabilidade baixa, notas "guincham" facilmente

Fonte: Yamaha, 2006.

Em um dos estudos de Ivale (2021), nota-se que o dedilhado da nota Fá na flauta germânica é mais básico em relação à flauta barroca, contudo, ele destaca que notas como fá# e sol# são mais desafiadoras para afinar devido à exigência de um controle apurado do sopro. Esses desafios técnicos se destacam ainda mais em

ambientes de ensino coletivo, onde a utilização de flautas doces sopranos germânicas, executadas em uníssono, intensifica as dificuldades de afinação, particularmente em grandes grupos.

Ao tentar tocar equivocadamente com o dedilhado da quarta nota sem forquilha, Harlan se deparou com um problema, pois o dedilhado original é com forquilha. Para tentar 'corrigir' e fazer esta nota soar afinada, Peter Harlan modificou a furação para que esta nota soasse afinada apenas utilizando o dedo indicador da mão esquerda. 'Este erro estúpido foi o começo das flautas "com dedilhado Germânico" que são ainda fabricadas em grande escala e podem ser encontradas em lojas de todo o mundo, exceto, felizmente, na Inglaterra'. (Hunt apud Paoliello, 2007, p. 21)

Ivale (2021) descreve, em um de seus estudos de caso, que o uso de flautas doces germânicas pelos estudantes resultou em dois desafios consideráveis: o primeiro foi a discrepância na afinação, já que o escritor usava o modelo barroco durante as aulas; o segundo foi a variação no dedilhado, que varia entre os dois modelos em certas notas particulares. Nesse contexto esses elementos afetaram negativamente a uniformidade sonora e a aprendizagem em grupo, demandando modificações no processo de ensino para gerir as restrições impostas pelo instrumento. Sobre essa circunstância destacaram a necessidade de uniformizar a flauta usada nas aulas para prevenir desentendimentos técnicos.

As flautas germânicas são – até hoje – mal vistas entre os flautistas. Elas possuem um grande problema de afinação, pois ao 'facilitar' a passagem da quarta nota, as outras ficam desreguladas, além de dificultar outros dedilhados. Infelizmente, essas flautas são muito utilizadas por professores desavisados em aulas para crianças, por acharem seu início mais fácil. (Paoliello, 2007, p. 20)

Além disso, Silva (2022) ressalta a importância de que professores de musicalização infantil possuam conhecimento técnico sobre os diferentes sistemas de dedilhado da flauta doce ao orientarem pais na aquisição do instrumento. Frequentemente, os vendedores sugerem a flauta doce alemã, destacando sua simplicidade, mesmo que os preços dos dois modelos sejam parecidos. No entanto, essa decisão pode prejudicar a afinação, pois a alteração no tamanho dos furos exige dedilhados complexos para corrigir notas desafinadas.

3. A FLAUTA COMO INSTRUMENTO MUSICALIZADOR NA INICIAÇÃO MUSICAL

A flauta doce tem ganhado destaque como um dos instrumentos mais empregados na iniciação musical em vários contextos educacionais, principalmente por sua simplicidade e facilidade de acesso sendo um instrumento de manuseio simples e de custo reduzido, permite a participação de um número maior de estudantes em atividades musicais, seja em ambientes escolares ou em projetos sociais. Segundo Brito (2017), a flauta doce oferece aos iniciantes uma experiência prática imediata com a música, favorecendo o desenvolvimento de habilidades fundamentais, como a percepção melódica e rítmica. Logo, a sua habilidade em produzir som, sem demandar técnicas sofisticadas logo no começo do aprendizado, a torna funcional, promovendo, sem necessariamente demandar habilidades complexas logo no começo do aprendizado, sendo então perfeita para quem está iniciando, devido à sua simplicidade técnica no início. Nesse sentido os professores têm a oportunidade de iniciar a musicalização desde a infância, possibilitando que os estudantes se concentrem em aspectos mais criativos e expressivos, promovendo tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o prazer pela prática musical.

No âmbito da educação básica, a flauta doce tem sido frequentemente utilizada como um instrumento pedagógico eficiente para introduzir os conceitos musicais de maneira prática e divertida. Em projetos educacionais que valorizam a prática musical em grupo, a flauta doce desempenha um papel crucial no estímulo à colaboração entre os alunos, ao mesmo tempo que intensifica competências sociais e cognitivas cruciais para o crescimento completo dos alunos, fortalecendo habilidades sociais e cognitivas fundamentais para o crescimento completo dos alunos (Brandão, 2019).

Aguiar (2017) indica que a flauta doce também era usada como instrumento de iniciação musical há muito tempo:

Como vimos, quem tocava flauta doce neste período pertencia principalmente a três categorias: músicos amadores, sobretudo membros das cortes e elites urbanas; músicos da corte profissionais, que a usavam em conjunto a outros instrumentos na realização do repertório camerístico; membros de pifferi e grupos de sopros profissionais, que tinham a flauta doce como uma alternativa timbrística para suas charamelas e sacabuxas. É possível que ela

fosse também ensinada às crianças, como instrumento de iniciação musical.
(Aguiar, 2017, p.45)

Por sua acessibilidade e custo reduzido, tem um papel crucial na democratização do ensino musical, particularmente em escolas públicas e projetos sociais destinados a crianças de baixa renda. Almeida (2020) ressalta que a adoção desse instrumento em iniciativas de musicalização infantil amplia significativamente o acesso à música, permitindo que crianças de diferentes contextos socioeconômicos possam desenvolver competências musicais. A flauta doce, ao proporcionar uma introdução prática à música, torna-se um instrumento relevante para a promoção da inclusão social e para a formação cultural do indivíduo.

Segundo Fonterrada (2008), a flauta doce é um instrumento pedagógico que oferece às crianças um primeiro contato com a música, auxiliando no desenvolvimento de habilidades motoras finas, controle da respiração e sensibilidade auditiva, por ser um instrumento melódico simples, possibilita aos estudantes experimentar e criar suas próprias melodias, fomentando a criatividade e a expressão individual, logo a inclusão da música no currículo escolar é crucial, e a flauta doce tem um papel importante nesse processo, principalmente no ensino de conceitos musicais básicos, como ritmo, melodia e harmonia.

Assim a utilização do instrumento musical flauta doce favorece o envolvimento lúdico dos estudantes, fomentando um ambiente de ensino mais interativo e participativo, auxiliando no crescimento integral das crianças, proporcionando um alicerce robusto para o aprendizado, não só aprimora habilidades artísticas, mas também tendo um impacto significativo no desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Portanto, a flauta doce é um dos instrumentos mais recomendados para o ensino de música para crianças devido à sua acessibilidade, simplicidade de uso e custo reduzido, contribuindo para o desenvolvimento de pessoas mais sensíveis e criativas.

Já na Europa, a flauta doce, chamada flauta de bisel, também desempenha um papel fundamental na educação musical nas escolas de ensino fundamental, sua simplicidade técnica, baixo custo e manutenção acessível fazem dela uma escolha ideal para a prática de instrumentos elementares e o aprendizado musical, utilizada em métodos pedagógicos voltados para a leitura e escrita musical, a flauta de bisel facilita a integração com outros instrumentos, promovendo a formação de grupos musicais e a exploração de diferentes registros sonoros. Além de sua portabilidade,

que permite a prática em casa e fora do ambiente escolar, a flauta de bisel serve como um incentivo para a aprendizagem de outros instrumentos musicais, oferecendo uma base sólida para o desenvolvimento musical.

Entretanto o papel do educador musical é crucial, pois deve orientar e motivar os alunos, promovendo uma prática musical significativa que envolve conceitos essenciais como timbre, altura, ritmo, dinâmica e forma. Logo, a flauta de bisel não apenas contribui para a educação musical, mas também desempenha um papel importante na construção de músicos reflexivos e engajados (Alves, 2016).

Por fim, segundo Santos e Santos Junior (2012), a flauta doce, frequentemente empregada em projetos e escolas de música, particularmente após a promulgação da lei no 11.769/2008, é comumente considerada apenas um instrumento de iniciação musical, graças ao seu custo reduzido e à sua facilidade de emissão sonora. Contudo, essa perspectiva restringe o seu potencial artístico, levando muitos estudantes a perderem o interesse em se aprofundar no aprendizado do instrumento.

3.1 A flauta doce nas metodologias ativas de educação musical

O método Kodály enfatiza a importância do canto e da prática vocal, incluindo também a utilização de instrumentos melódicos, como a flauta doce, para aprimorar as competências musicais. Serve como um recurso paralelo ao canto para que os alunos pratiquem a leitura de partituras e a entonação, empregando melodias folclóricas. Assim a utilização da flauta doce torna-se uma ferramenta de auxílio na aplicação dos princípios do método Kodály (Alves, 2016).

Por conseguinte, a abordagem de Émile Jaques-Dalcroze, famosa por seu foco na euritmia, solfejo e improvisação, pode ser empregada no ensino de vários instrumentos musicais, incluindo a flauta doce. Sua utilização da flauta doce na educação musical infantil proporciona uma vivência prática que simplifica a implementação dos princípios de Dalcroze. Destacando a improvisação, um componente fundamental do método, é particularmente adequada para este instrumento, pois oferece aos estudantes a chance de explorar sua musicalidade de maneira criativa, enquanto a ênfase na movimentação corporal aprimora a coordenação e a expressão musical (Fonseca, 2010).

Suzuki, por sua vez, destaca nesse contexto o envolvimento direto da família no aprendizado musical, adotando uma metodologia que se assemelha ao processo

natural de aprendizado da linguagem. Conforme o método Suzuki, a criança aprende a falar primeiro antes de ser alfabetizada, dessa forma, o aprendizado da leitura e escrita musical na flauta doce deve ser iniciado somente após o aprimoramento das habilidades práticas no instrumento. Os estudantes de flauta doce devem primeiro desenvolver suas habilidades auditivas e cinestésicas antes de introduzir referências visuais. Portanto, é essencial que o ambiente educacional seja meticulosamente organizado e motivador, utilizando atividades recreativas e jogos que estimulem o desenvolvimento sensorial no início do aprendizado da flauta doce (Santos e Santos Junior, 2012).

Em suma, segundo Santos e Santo Junior (2012), "a técnica da flauta doce implica o desenvolvimento de três habilidades diferenciadas". (Santos e Santos Junior, 2012, p.39) A primeira é a habilidade de coordenação dos dedos (dedilhado); esta é de todas a mais fácil de aprender e ensinar, sendo as outras duas, a habilidade de controlar o ar-sopro e a da articulação (da língua), são mais complicadas de ensinar e aprender, uma vez que são invisíveis.

3.2 Repertório aplicados nos estudos do instrumento

O repertório de flauta doce é fundamental para a formação técnica e expressiva dos estudantes. De acordo com Cuervo (2014), a seleção de repertório é essencial para fomentar a musicalidade desde o começo do aprendizado, disponibilizando peças de fácil acesso que, além de incentivar a técnica, incentivam a expressão artística. Mota (2023) corrobora essa visão, destacando que a escolha das músicas deve proporcionar um equilíbrio entre o conhecimento técnico e a liberdade interpretativa, sendo ajustada ao contexto educacional e à habilidade do aluno.

Sua utilização do instrumento como recurso pedagógico na educação musical no Brasil se origina na tradição europeia, porém, com o passar do tempo, foi ajustada às demandas e particularidades culturais e educacionais do país. Zaine (2018) sustenta que a flauta doce se estabeleceu como um dos instrumentos primordiais para o aprendizado musical, graças à sua facilidade técnica e acessibilidade para os alunos. Segundo o escritor, a maioria das metodologias de ensino de flauta doce no Brasil se baseia em princípios de pedagogias ativas, que ~~visam~~ incentivam o aprendizado por meio da prática musical em grupo e do aprimoramento de competências técnicas e expressivas ao mesmo tempo.

Há também o método da Educação do Talento, ou como é conhecido no Brasil, Método Suzuki. Este método é baseado na aprendizagem da língua materna pois Suzuki viu que as crianças aprendem de forma perfeita e sem dificuldade a sua língua materna e que essa aprendizagem da língua acontece por meio de interação com outras pessoas, com a família e principalmente com a mãe. Durante a aprendizagem precisa existir o triângulo Suzuki (pais, aluno e professor) para que os pais ajudem o aluno a estudar em casa para que o aluno fique motivado. Esse método não é voltado apenas para crianças, mas para todas as pessoas, independentemente da idade (Santos; Santos Junior, 2012; Mota, 2023).

Além disso, Beineke (apud Mota, 2023) salienta que a instrução de flauta doce deve incluir um repertório que harmonize técnica e expressão musical desde os primeiros passos do aprendizado. Beineke, ao estruturar um material pedagógico com arranjos de músicas brasileiras, oferece aos docentes uma ferramenta instrumental flexível e contextualizada. Este material não pretendendo ser um método rígido, mas sim um recurso que enriquece as aulas de música, possibilitando ao docente elaborar atividades adaptáveis que respeitem o progresso musical gradual dos estudantes, fomentando a autonomia.

Dentre os métodos voltados para o ensino da flauta doce, destaca-se o Sonoridades Brasileiras: método para flauta doce soprano de Weiland (2008), amplamente discutido por autores como Cuervo (2009) e Silva (2018). O levantamento dos métodos aplicados à flauta doce inclui obras traduzidas para o português, como Mahle (1959), Mönkemeyer (1976) e Frank (2002). Aguilar (2008) destaca que “os métodos traduzidos em língua portuguesa são amplamente utilizados no ensino da flauta doce, com destaque para autores como Mahle e Mönkemeyer” (Aguilar, 2008, p. 29). Além disso, Silva (2018) reforça que o “Método para tocar la flauta dulce soprano”, de Helmut Mönkemeyer (1976) é um dos métodos mais utilizados e difundidos entre os professores de flauta doce.

Nesse sentido, as cantigas de roda desempenham um papel crucial na manutenção da cultura popular e na educação musical de crianças, particularmente no âmbito da flauta doce. No seu estudo sobre a conservação dos contos orais por meio da literatura infantil no Brasil, Beatriz Carvalho de Oliveira ressalta que, ao empregar canções como "A Canoa Virou" (figura 6), o aprendizado da flauta doce se torna mais compreensível e relevante, possibilitando que as crianças aprimorem suas habilidades musicais de maneira divertida e interativa. Essas melodias de caráter

simples, presentes no imaginário infantil, simplificam a introdução de elementos musicais fundamentais, como ritmo e melodia, fortalecendo a ligação com a cultura do país (Oliveira, 2022).

O trabalho com um repertório mais fácil tecnicamente permitiria que os sujeitos pudessem experimentar questões básicas da emissão regular de ar, articulação e digitação precisa, sofisticando sua capacidade de gerar sentido através de uma música, sem preocupar-se com obstáculos técnicos. Se, por um lado, os alunos sentiam-se desafiados e motivados, havia aqueles que bloqueavam seu desenvolvimento, no que Piaget (1976) chamou de 'recalque cognitivo'. O nível de dificuldade proposto pelo professor deve ser possível de ser alcançado, não necessariamente de forma fácil, mas não tão difícil a ponto de desmotivá-lo ou de abalar sua autoestima. (Cuervo, 2009, p. 117)

Figura 6 – A Canoa Virou



Fonte: O autor, 2024

Quanto à permuta de materiais, observou-se que há essa modalidade de troca de materiais entre colegas. Sobre essa questão, as pesquisas evidenciam a necessidade do professor em relação a essa troca de materiais para que haja melhora nas práticas e conhecimentos relacionados. Outra forma de acesso e busca por materiais didáticos é indo aos congressos, feiras, eventos e encontros científicos e pedagógicos (Oliveira apud Mota, 2018).

Por fim, em termos expressivos, o repertório atual para flauta doce, particularmente o classificado como de vanguarda, requer o uso tanto da técnica convencional quanto das técnicas expandidas. Castelo (apud Zaine, 2023) sustenta que a tradição e a inovação são um conjunto técnico crucial para a flauta doce, que não só incentiva a aprendizagem do repertório tradicional, mas também proporciona aos alunos as habilidades necessárias para explorar o instrumento em sua plenitude. Isso leva a uma melhoria no controle e na percepção das capacidades expressivas da flauta doce, possibilitando uma performance musical mais rica e variada. Sendo essa combinação de métodos é crucial para a preparação de músicos aptos a transitar entre variados estilos e repertórios.

3.3 Relatos de pesquisas e estudos de caso

Conforme o compartilhar de experiência, Silva (2022) afirma que, ao introduzir a flauta doce nas aulas de musicalização infantil da Escola Chapeuzinho Vermelho,

localizada em Natal-RN o estudo de caso surge da necessidade de entender como esse instrumento, frequentemente usado na iniciação musical, pode auxiliar no processo de aprendizado musical de crianças. Pois seu treinamento em saxofone e a experiência com a flauta doce, obtida durante a graduação, possibilitaram estabelecer relações entre os dois instrumentos e implementar estratégias pedagógicas apropriadas. Entretanto o estudo examina especificamente como instruir crianças sem experiência prévia em leitura musical a aprenderem a tocar flauta doce, descrevendo o processo de ensino e aprendizado no ambiente escolar, a metodologia empregada foi qualitativa, utilizando um relato de experiência e complementado com uma revisão de literatura.

Logo a restrição de tempo desta pesquisa impediu uma ampliação do repertório, já que os estudantes ainda precisavam adquirir mais intimidade com a flauta doce para atingir um nível mais avançado de domínio do instrumento. Todavia, por meio de estratégias pedagógicas focadas na repetição e memorização, foi possível introduzir as notas da mão esquerda, proporcionando uma base sólida para a execução das primeiras melodias. Diante deste testemunho de experiência enfatiza a importância da flauta doce no cenário de iniciação musical sem a ajuda da leitura convencional, particularmente em instituições de ensino não especializadas. Assim apesar dos desafios mencionados, os estudantes desenvolveram uma execução instrumental básica, resultando em uma apresentação bem-sucedida da peça "Jingle Bells" no evento "Musical de Natal", destacando o efeito benéfico da prática instrumental no aprendizado dos alunos (Silva, 2022).

Na Bandinha de Flauta Doce do Núcleo de Amparo ao Menor (NAM) temos o relato de experiência que tem um papel crucial na educação musical de crianças e adolescentes, proporcionando um ambiente adequado para a aprendizagem da flauta doce. Este projeto oferece flautas para empréstimo e não requer testes de competências anteriores, possibilitando que qualquer pessoa possa participar das aulas. Logo, os estudantes, de 8 a 17 anos, são alocados em classes de acordo com seu grau de aprendizado, com iniciantes sendo apresentados à flauta desde o primeiro dia de aula, esta organização oferece uma sutil experiência entre os estágios de aprendizado, onde o docente aplica conteúdos básicos e repertórios mais elaborados, preparando os estudantes para se juntarem ao grupo principal do projeto, o que aprimora sua vivência musical (Oliveira, 2021).

Figura 7 – Excerto de partitura utilizada em projeto de flautas na EM Carlos Cristaldo Vilhalva, em Campo Grande/MS (“Eu só quero um xodó, adaptação de Geziel Lopes e Josiane Lopes”)

Eu Só Quero Um Xodó

Adap. Geziel Lopes e Prof. Josiane Lopes

The musical score is for the piece "Eu Só Quero Um Xodó". It is written for four flute parts: Escaleta (Alto Flute), Flauta contra alto (Alto Flute), Flauta Soprano (Soprano Flute), and Flauta Baixo (Bass Flute). The music is in 2/4 time, with a key signature of one sharp (F#) and a tempo marking of 90. The score consists of 8 measures, with a first ending (1.) and a second ending (2.) marked with a repeat sign. The Escaleta part starts with a whole rest in the first measure, followed by a melodic line. The Flauta contra alto part also starts with a whole rest, then plays a similar melodic line. The Flauta Soprano part starts with a quarter rest, followed by a melodic line. The Flauta Baixo part starts with a whole rest, then plays a melodic line. The first ending leads to the second ending, which is marked with a repeat sign.

Fonte: O autor, 2024

O estágio supervisionado é um componente essencial na formação do licenciando em música, pois oferece a oportunidade de aplicar teorias pedagógicas em um ambiente real de ensino. Essa experiência prática é particularmente valiosa no contexto do ensino da flauta doce, onde o estudante pode desenvolver não apenas habilidades técnicas, mas também competências pedagógicas específicas. Durante o estágio, o futuro professor é desafiado a planejar aulas que atendam às necessidades diversificadas dos alunos, a adaptar métodos de ensino e a implementar estratégias de avaliação que promovam o aprendizado efetivo. Além disso, a vivência em sala de aula permite ao licenciando refletir criticamente sobre sua prática, identificando pontos fortes e áreas que necessitam de aprimoramento. Por consequente, o contato direto com os alunos possibilita a construção de um ambiente de aprendizado inclusivo, no qual cada estudante pode explorar suas capacidades musicais de forma individualizada. Assim, o estágio supervisionado não apenas contribui para a formação técnica do educador, mas também para o desenvolvimento de uma abordagem mais humanizada e reflexiva em relação ao ensino musical (Mezzalira; Souza; Schambec, 2013).

Portanto, no depoimento do ex-membro da Bandinha de Flauta Doce, atualmente trombonista na Filarmônica Maestro Ubaldo Medeiros, as aulas são planejadas para combinar teoria e prática musical, destacando que os estudantes não só aprendem a executar as músicas do repertório, mas também assimilam conceitos musicais de forma relevante (Oliveira, 2021). O relato indica que os estudantes estabelecem relações com seus colegas e professores, o que promoveu alterações positivas em suas percepções e costumes. Quando questionado sobre essas novas perspectivas, o aluno destaca que a música representa uma forma de visão de trabalho, ressaltando que, além do aprendizado musical, eles são preparados para ingressar na Filarmônica, desde que haja instrumentos disponíveis. Por fim, os relatos dos entrevistados também sugerem um foco na instrução de teoria musical, leitura de partituras e notação musical, em consonância com o repertório tradicional empregado pela Filarmônica, potencializando a formação dos estudantes no âmbito musical.

4. Flauta Doce na musicalização de Alunos Atípicos

A educação musical através da flauta doce para estudantes atípicos é um campo vasto e diversificado, onde o instrumento não se limita a ser um instrumento de expressão artística, mas também uma ferramenta de inclusão e crescimento cognitivo, social e emocional. Nesse sentido, a utilização da flauta doce em ambientes educativos tem evidenciado impactos notáveis no envolvimento e na educação musical de crianças e adolescentes com deficiências, estimulando competências de coordenação motora, memória auditiva e percepção rítmica.

Portanto, através de metodologias adaptáveis, a musicalização possibilita uma educação mais inclusiva, valorizando as singularidades e habilidades dos estudantes. Logo, este capítulo investiga as vantagens, os obstáculos e as estratégias pedagógicas presentes no ensino da flauta doce para alunos atípicos, com o objetivo de entender como essa prática auxilia no desenvolvimento completo desses alunos (Oliveira; Silva; Araújo, 2024).

4.1 O ensino da flauta doce e o desenvolvimento integral dos alunos neurodivergentes

A contribuição das práticas musicais para alunos neurodivergentes é um campo de estudo que tem ganhado destaque, especialmente quando consideramos as possibilidades que a música oferece no desenvolvimento cognitivo e social. Pesquisas indicam que a prática musical pode estimular áreas cerebrais envolvidas na atenção, memória e coordenação motora, habilidades essenciais para o aprendizado em geral.

Conforme Silva, Silva Neto e Freitas (2020) afirmam que “ a musicalização é uma estratégia de intervenção que busca alcançar o desenvolvimento pessoal para conviver melhor em sociedade e gerar o bem-estar da criança com autismo, melhorando a cognição, motricidade, percepção e socialização”. (Silva, Silva Neto e Freitas, 2020, p.1)

Inicialmente, Almeida, Almeida e Juvêncio (2021) reafirmam “ a importância da música na aprendizagem de uma criança com deficiência múltipla, buscando identificar aquisições de vocabulário, verificando a interação com outras pessoas no

ambiente escolar e certificando as repercussões no contexto familiar.” (Almeida, Almeida e Juvêncio, 2021, p.1)

Além disso, Muszkat (2019) afirma que “ o estudo da música pode ser uma ferramenta única para a ampliação do desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, incluindo aquelas com transtornos ou disfunções do neurodesenvolvimento, como o déficit de atenção e a dislexia.” (Muszkat, 2019, p. 237)

Portanto, a flauta doce, por ser um instrumento acessível e de fácil aprendizado, pode ser uma ferramenta valiosa na inclusão educativa, promovendo a autoconfiança e a expressão criativa dos alunos. Logo a metodologia de ensino deste instrumento, que historicamente se baseia na relação mestre-aprendiz, está sendo repensada para abraçar as necessidades de alunos com neurodiversidade, adaptando-se para oferecer uma experiência de aprendizado mais rica e inclusiva (Cuervo, 2014).

Para Cuervo (2014):

A metodologia de ensino de flauta doce é baseada em séculos de práticas educacionais e de performance, especialmente na cultura eurocêntrica de instrução e na relação mestre-aprendiz. Com a intenção de valorizar essas práticas, mas, ao mesmo tempo, de repensá-las no contexto contemporâneo de estudos sobre a aprendizagem humana, este trabalho propõe se a instigar a reflexão sobre as contribuições que o conhecimento neurocientífico pode trazer no processo educativo que envolve a flauta doce. (Cuervo, 2014, p. 43)

Nesse contexto, Cuervo (2014) afirma que “a flauta doce como instrumento de sopro repleto de possibilidades expressivas e a sua relação histórica e estreita com a voz humana, considerada o “instrumento” mais expressivo que existe.” (Cuervo, 2014, p. 44)

Portanto, o conceito de neurodiversidade foi cunhado por Judy Singer no ano de 1988. Ele surgiu com o foco de promover a igualdade e a inclusão social. Se fundamenta na ideia de que a mente se comporta de distintas formas e que variados padrões podem ser seguidos no funcionamento neurocognitivo de uma pessoa.

De acordo com Judy Singer, a neurodiversidade abarca os indivíduos tidos como neurotípicos e os chamados de neurodivergentes. Desse modo, ela inclui os que possuem um funcionamento neurocognitivo classificado como típico e tidos como atípicos.

Essas particularidades do processamento cerebral do indivíduo e a importância de estar em um ambiente estimulador, tem a função de fornecer as

conexões cerebrais, ou seja, desenvolver estratégias necessárias para estimular e desenvolver a funcionalidade, é de grande importância para seu desempenho, crescimento e desenvolvimento humano (Sousa, 2023).

De acordo com Mourão e outros (2023):

O termo “neurodivergente” no campo educacional é historicamente novo tendo sido oficialmente registrado em 1988 pela socióloga australiana Judy Singer como sinônimo de biodiversidade neurológica, porém a neurodiversidade já faz parte do cotidiano das escolas em todo Brasil sendo questionado pelos pioneiros da educação desde o final do século XIX. Para promover uma educação inclusiva o professor precisa conhecer as características da neurodiversidade. Especialistas defendem que os profissionais da educação precisam se apropriar da neurociência para compreender as diferentes perspectivas de aprendizagem e identificar as manifestações da neurodiversidade. (Mourão et al, 2023, p.1-2)

4.2 O ensino da flauta doce e o desenvolvimento de habilidades musicais

Através de inúmeras pesquisas podemos descrever algumas contribuições importantes do ensino da flauta doce para o desenvolvimento de habilidades musicais e acadêmicas, contribuindo para o desenvolvimento global do ser humano.

Podendo destacar primeiro O Desenvolvimento Musical e Acadêmico, o aprendizado da flauta doce melhora habilidades musicais como ritmo, entonação e coordenação motora fina.

Nesse sentido isso pode refletir positivamente no desempenho acadêmico dos alunos, aumentando a autoconfiança e a capacidade de concentração e resolução de problemas (Oliveira; Silva; Araújo, 2023).

De acordo com Graziano, Peterson e Shaw, e Hallam e Zdzinski (apud Oliveira; Silva; Araújo, 2023):

A prática da musicalização, especialmente utilizando a flauta doce, tem mostrado benefícios além do campo musical. Pesquisas indicam que o ensino musical pode melhorar habilidades matemáticas e linguísticas, bem como aumentar a capacidade de memória e atenção dos alunos (Graziano, Peterson, & Shaw, 1999). Adicionalmente, a musicalização com a flauta doce pode fomentar a autoestima e a autoconfiança das crianças. Logo a realização de uma performance musical, mesmo que simples, proporciona aos alunos uma sensação de conquista e reconhecimento (Hallam, 2010). Essa experiência positiva pode refletir-se em outras áreas da vida escolar,

promovendo um ambiente de aprendizagem mais motivador e engajador (Zdzinski, 2013). (Oliveira, Silva, Araújo, 2023, p.2)

Portanto, essas habilidades musicais são importantes para trabalhar a estimulação de áreas do desenvolvimento humano, os alunos precisam dessas estimulações para se desenvolverem na percepção temporal, coordenações motoras, percepções auditivas que é essencial para a consciência fonológica e alfabetização e também na área social.

Conforme Silva (2018) relata, o desenvolvimento da prática musical no ambiente escolar, por meio do instrumento flauta doce, introduzindo a teoria básica da música:

Inicialmente, buscou-se ensinar as técnicas básicas deste instrumento de sopro, introduzir as noções iniciais de partitura, promover o contato com outros instrumentos musicais e ferramentas tecnológicas específicas da área, ampliar o repertório musical dos educandos, levando em conta a diversidade cultural, o regionalismo e contexto social que eles estão inseridos, desenvolvendo o processo de ensino-aprendizagem da música. Por fim, Silva (2018) ainda conclui relatando os desafios existente durante o percurso de sua pesquisa no espaço escolar, como:

(...) a inexistência de prática musical frequente na Escola e limitação das referências de música por parte dos estudantes e do corpo docente. O repertório trabalhado nas aulas colaborou para a descoberta de outros gêneros musicais que ajudam na prática pedagógica dos professores e são agradáveis aos ouvidos das crianças, movimentando o espaço escolar para as manifestações musicais. (...) a herança cultural dos alunos era bastante deficiente por se tratar de crianças de nível socioeconômico desfavorecido. Considerando todo esse contexto, é possível inferir que o trabalho contribuiu também para a ampliação da vivência musical dos alunos, e apontou para outras funções da música, como estímulo para aprimorar a educação e a qualidade de vida. (Silva, 2018, n.p.)

4.3 O Ensino de Flauta Doce para Alunos com Deficiência Visual

Inicialmente, o aprendizado da flauta doce por estudantes com deficiência visual apresenta diversos desafios que demandam constantes ajustes nas técnicas de ensino, sendo crucial a implementação de estratégias de ensino inclusivas para assegurar que esses estudantes tenham acesso total à educação musical. Como ressaltado por Rocha (2014), o planejamento das aulas de música deve considerar as particularidades dos alunos com deficiência visual, especialmente no ensino de

instrumentos como a flauta doce, que demandam habilidades motoras e auditivas aprimoradas. A ausência de materiais adequados e a carência de formação específica dos professores são fatores que muitas vezes dificultam esse processo.

Diante disso, Aguiar (2022) ao optar por uma metodologia qualitativa para entender o processo de ensino da flauta doce para pessoas com deficiência visual, essa abordagem possibilita a interpretação do contexto observado na realidade em que os indivíduos estão inseridos, a pesquisa categoriza a aplicação, pois visando encontrar a caminhos para uma aplicação prática em uma situação específica . No que diz respeito aos objetivos, sendo um estudo exploratório, com o intuito de agregar mais informações sobre a realidade analisada, possibilitando a criação de novas visões e suposições. Portanto, o estudo exploratório oferecendo a flexibilidade necessária para empregar métodos que se adequem às particularidades dos estudantes, fomentando sua inclusão no ensino musical.

Já no ensino de música para pessoas com deficiência visual, as metodologias ativas se mostraram eficazes ao colocar o docente como protagonista do processo de aprendizagem, promovendo um aprendizado mais significativo e autônomo (Aguiar, 2022). Em relação à flauta doce, a aplicação de técnicas que incluem imitação, exploração auditiva e aprimoramento do tato permite uma melhor compreensão e realização das atividades. De acordo com Aguiar (2022), essa metodologia incentiva a participação ativa dos alunos, favorecendo o aprimoramento de suas competências musicais e fomentando uma experiência de ensino mais inclusiva.

Muitas vezes, diante de uma realidade dura de exclusão social, o próprio aluno não se reconhece capaz de aprender, achando que é algo apenas para pessoas novas e que enxergam. No entanto, tal pensamento é errôneo, uma vez que a aprendizagem de um instrumento musical, ou algo de outra área do conhecimento, não é limitado apenas a um determinado público com características específicas. (Aguiar, 2022, p. 21)

Portanto, sendo uma ferramenta essencial para o ensino de música para pessoas com deficiência visual é a notação musical em braile. De acordo com Queiroz (2014), essa notação é crucial para assegurar que estudantes com deficiência visual possam ler e escrever em música. Apesar da notação braile não substituir a prática instrumental, ela enriquece o processo de aprendizado e proporciona ao estudante a chance de consultar partituras e documentar suas composições musicais. Adicionalmente, o escritor enfatiza a importância da formação dos docentes no uso da notação braile para um ensino inclusivo. Com essa competência, o docente pode

restringir o progresso musical dos estudantes, privando-os de um recurso de aprendizagem crucial.

Considerando, portanto, que a Musicografia Braille é um elemento indispensável para o ensino de música de alunos com deficiência visual, existem alguns desafios a serem enfrentados tanto pelos professores quanto pelos alunos que se deparam com a dificuldade de acesso a espaços em que sejam aplicadas as aulas de música. O fato de haver poucas instituições empenhadas na divulgação da Musicografia resulta na escassez de meios e recursos que favoreçam o aprendizado do aluno. No Brasil, apesar de haver muitos profissionais envolvidos na área de educação musical que tenham o interesse voltado para a produção de materiais didáticos no ensino de música, podemos notar que a maioria desses materiais possui pouca ou nenhuma relação com a educação especial/inclusiva, em específico tratando-se da educação de pessoas com deficiência visual. (Queiroz, 2014, p. 27)

Nesse contato, Rocha (2014) indica que a falta de recursos pedagógicos acessíveis, tais como partituras em braile e outros materiais adaptados, representa um dos principais obstáculos que os docentes encontram ao ensinar música para pessoas com deficiência visual. Frequentemente, os professores têm que recorrer a estratégias alternativas, como a explicação verbal e a demonstração prática, para assegurar que os estudantes entendam o conteúdo. Essas táticas, apesar de eficientes, requerem um treinamento adicional do docente, que deve estar sempre em busca de novos métodos para ajustar o ensino às necessidades dos estudantes.

Em 2011 foi criado o Projeto de Extensão na EMUFRN com o curso de Flauta Doce para Pessoas com Deficiência Visual e um dos seus objetivos foi criar um espaço de estudo, reflexão e discussão no campo da Música e Educação Especial Inclusiva, Música e Deficiência e Música e Inclusão Social. Dessa forma, abrindo novas perspectivas na área da Educação Musical e proporcionando o acesso de alunos DV ao ensino da Música em sua totalidade. (Rocha, 2014, p. 5)

De acordo com Queiroz (2014), enquanto não se observa uma transformação notável, surge a reflexão sobre a habilidade das escolas de música em proporcionar uma educação inclusiva de alto padrão para estudantes com deficiência visual, particularmente quando os professores não mostram interesse em aprender Musicografia Braille. Sendo uma questão fundamental é: quando essas instituições educacionais oferecerão cursos de formação em Musicografia Braille para seus respectivos docentes. Essa ausência de iniciativa prejudica a inclusão, pois, sem o

conhecimento apropriado, os docentes não conseguem satisfazer as necessidades particulares desses estudantes de maneira eficiente e competente.

Conforme ressaltado por Queiroz (2014), a falta da notação braile nos programas de formação para professores de música constitui um grande déficit. Esta escassez de capacitação específica restringe a habilidade dos professores de fomentar uma educação musical genuinamente inclusiva. Quando os docentes desconhecem a escrita braile, os estudantes com deficiência visual são privados de aspectos cruciais da educação musical, como a leitura e a redação de partituras, o que compromete seu progresso completo no campo musical.

Em síntese, o aprendizado de flauta doce para estudantes com deficiência visual requer uma metodologia de ensino específica e ajustada às demandas particulares desses alunos. Por fim, o uso de metodologias ativas, a inclusão da escrita braile e a adaptação das práticas de ensino são componentes cruciais para assegurar um ensino inclusivo e acessível. Rocha (2014) e Aguiar (2022) afirmam que o aprimoramento constante dos docentes é crucial para a implementação efetiva dessas estratégias, garantindo que todos os estudantes, independentemente de suas restrições visuais, possam receber uma educação musical de alto padrão.

O Projeto Esperança Viva, que antes disponibilizava apenas aulas de Flauta Doce e Teoria Musical, atualmente oferece cursos de novos instrumentos entre eles: violão, flauta transversal, contrabaixo elétrico, violino e canto, assim como novos professores passam a fazer parte do projeto. (Rocha, 2014, p. 6)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo sobre a instrumento musical, flauta doce, percorre o seu panorama histórico e as suas perspectivas na educação musical, permitindo observar como este instrumento se consolidou como uma ferramenta essencial na iniciação musical e na musicalização de públicos diversos, incluindo alunos típicos e atípicos. Desde suas origens arqueológicas e sua inserção nos principais períodos musicais, até a análise de metodologias de ensino e repertórios específicos, o trabalho atingiu o objetivo de traçar um quadro abrangente sobre a importância da flauta doce no contexto educacional brasileiro, especialmente com a influência dos jesuítas e o desenvolvimento de práticas musicais que foram mantidas e adaptadas ao longo dos séculos.

Contudo, algumas limitações surgiram ao longo do desenvolvimento desta monografia, onde o estudo baseou-se predominantemente em uma revisão bibliográfica, limitando a possibilidade de aprofundamento em pesquisas empíricas e análises de caso mais detalhadas, especialmente no que diz respeito ao impacto direto do ensino da flauta doce em ambientes educacionais diversificados. Além disso, embora o trabalho aborde o ensino do instrumento para alunos neurodivergentes e com deficiência visual, há escassez de fontes que tratem de maneira aprofundada as adaptações específicas para esses grupos em relação às metodologias de ensino mais eficazes.

Por fim, para pesquisas futuras, é recomendado, estudos que explorem o ensino da flauta doce de maneira mais ampla, considerando sua acessibilidade e potencial inclusivo em diversos contextos educacionais, procurando investigar sobre práticas que integram este instrumento tanto em turmas regulares quanto com alunos atípicos podem ampliar as possibilidades de uma educação musical inclusiva. Além disso, o desenvolvimento de materiais didáticos específicos e metodologias para o ensino da flauta doce, aliado à formação continuada dos professores, é essencial para uma abordagem eficaz e inclusiva, possibilitando o desenvolvimento integral dos alunos em termos de educação musical.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Nathalia Gabriella Fernandes. *As contribuições das metodologias ativas para o ensino de flauta doce para pessoas com deficiência visual: um recorte a partir da perspectiva dos professores do Projeto Esperança Viva*. Natal, RN, 2022.
- AGUIAR, Patricia Michelini. *A flauta doce no Brasil: chegada dos jesuítas à década de 1670*. São Paulo, 2017.
- ALMEIDA, I. C. L. de; ALMEIDA, A. R. L. S. de; JUVÊNCIO, V. L. P. A importância da música na aprendizagem de uma criança com múltiplas deficiências. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 10, n. 11, 2021.
- ALMEIDA, T. R. A flauta doce no contexto da musicalização infantil: uma análise pedagógica. *Revista Música e Educação*, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2020.
- ALVES, Elisa Guadalupe Moura Barbosa. *Contributo da prática instrumental de flauta de bisel para o conhecimento do código musical*. Coimbra, 2016.
- AMARAL, André Ricardo. *Uma proposta de educação musical coletiva utilizando a flauta doce*. 2016.
- ARAÚJO, G. A.; SOTUYO BLANCO, P. Tubos sonoros pré-históricos: um panorama preliminar. *R. Museu Arq. Etn.*, v. 41, p. 32-61, 2023.
- BARBOSA, Fabiano da Silva. *A flauta doce: Um instrumento musicalizador dos tempos modernos*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Musical).
- BENASSI, C. A.; VICTORIO, R. P. Ocarinas e flautas doces: uma história concisa. *Revista Diálogos*, v. 2, n. 2, p. 09-21, 2014.
- BENASSI, Claudio Alves. Flauta doce soprano: técnica, criação e educação de Garcia (2006). *Revista Diálogos: linguagens em movimento*, ano III, n. I, jan.-jun., 2015.
- BENASSI, Claudio Alves. *A flauta doce hoje: O instrumento e suas técnicas expandidas no repertório de música contemporânea*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2017.
- BENJUMEA, M. del C. B. Historia de las flautas de pico. *Innovacion y Experiencias Educativas*, v. 31, p. 1-8, 2010.
- BOERNER, Victoria. *Substituição da flauta doce pela flauta transversal durante os períodos barroco e clássico*. Prêmios de graduação de 2018.
- BRANDÃO, M. J. A prática coletiva na educação musical e o uso da flauta doce. *Revista Brasileira de Educação Musical*, v. 15, n. 2, p. 89-102, 2019.
- BRITO, J. C. Musicalização infantil através da flauta doce: estratégias e metodologias. *Revista de Educação Musical*, v. 18, n. 1, p. 35-49, 2017.

CUERVO, Luciane da Costa. *Musicalidade na performance com a flauta doce*. Porto Alegre, 2009.

CUERVO, Luciane. Contribuições das neurociências para a aprendizagem musical: possibilidades no estudo da flauta doce. In: Bitar, V. (Org). *Anais da 1ª Mostra Internacional de flauta doce: performance e didática*, Florianópolis, 2013. Florianópolis: UDESC, 2014. p.43-48.

FONSECA, Marisa. *A música na educação: práticas e métodos*. São Paulo: Editora Musical, 2010.

FONTEERRADA, M. T. de O. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

GROSSMANN, César Marino Villavicencio. *A Flauta Doce Historicamente Informada*. São Paulo: USP/FAPESP, 2011.

IVALE, Antonio Fellipe Jesus. *Trajetórias no Aprendizado na Flauta Doce*. Projeto Final de Graduação - MU999, 2021.

KODÁLY, Zoltán. *A educação musical das crianças*. 2. ed. São Paulo: Editora Musical, 1974.

MEZZALIRA, José Claudio; SOUZA, Antonio Carlos; SCHAMBEK, Regina Finck. *Como nos tornamos professores: uma reflexão sobre a prática de estágio curricular supervisionado*. 2013, p. 69.

MOTA, Lídia Nayde da Rocha. *Limite entre técnica e expressividade na pedagogia da flauta doce e seu repertório contemporâneo*. 2023.

MUSZKAT, Mauro. Música e neurodesenvolvimento: em busca de uma poética musical inclusiva. *Literartes*, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 233-243, 2019.

OLIVEIRA, Archimendes Souza de. *A importância da bandinha de flauta doce do NAM em Natal-RN para a formação de crianças e jovens: uma reflexão acerca de funções essencialistas e contextualistas*. 2021.

OLIVEIRA, Leandro Divino Miranda de; SILVA, Jussara Goulart da; ARAÚJO, Danilo Eustáquio Luiz de. *A flauta doce no ensino: impactos no processo de ensino-aprendizagem, desenvolvimento musical e acadêmico dos alunos*. 2. ed. São Paulo: Editora Realize, 2023.

OLIVEIRA, Beatriz Carvalho de. Preservação de contos orais através da literatura infantil brasileira, produção do livro infantil *A Flauta Mágica*. 2024.

PAOLIELLO, Noara de Oliveira. *A flauta doce e sua dupla função como instrumento artístico e de iniciação musical*. 2007. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música), Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

PEREIRA, Frank de Andrade. *A flauta doce no ensino fundamental nas turmas de 1º ao 5º ano*.

QUEIROZ, Jhon Kleiton Santos de. *Notação musical em braile na formação do professor de música no ensino de alunos com deficiência visual*. Natal, RN, 2014.

ROCHA, João Gomes da. *O ensino de música para pessoas com deficiência visual: concepções e desafios*. Modalidade: Comunicação. Natal, RN, 2014.

ROSENBERG, Steve. *The recorder consort*. Forty seven pieces for recorder consort collected by Steve Rosenberg. Londres, EN: Boosey & Hawkes, 1978.

SANTOS, Luciana Aparecida Schmidt dos; SANTOS JUNIOR, Miguel Pereira dos. Flauta doce como instrumento artístico: uma experiência em sala de aula. *Música na Educação Básica*, Londrina, v. 4, n. 4, nov. 2012.

SIBILA EMÉRITA. *Música e músicos*. Editores, Versão 1, julho de 2013.

SILVA, Franciane Dias da. O ensino de flauta doce na Escola Pública. *Revista Brasileira de Educação Básica*, ano 3, n. 9, p. 123-145, 2018.

SILVA, L. F. da; SILVA NETO, F. S. da; FREITAS, G. D. de M. Os efeitos terapêuticos da musicalização em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 9, n. 8, 2020.

SILVA, Washington Moraes. *O ensino da flauta doce na musicalização infantil: um relato de experiência na Escola Chapeuzinho Vermelho*. 2022.

TETTAMANTI, Giulia da Rocha. *A flauta doce no Renascimento: instrumentos, conjuntos e repertório*. Instituto de Artes – UNICAMP, 2020.

YAMAHA. *Método de enseñanza musical de flauta dulce*. Online, 2006.

ZAINE, Alfredo Faria. Limite entre técnica e expressividade na pedagogia da flauta doce e seu repertório contemporâneo. 2023.

ZAVARIZ, Victor Gonçalves. *Flautas indígenas brasileiras e sua representatividade na música do século XXI*. Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

ZWILLING, Carin. *Os instrumentos musicais na República de Platão*. 2012.